

A cosmovisão e a espiritualidade dentro do Pentecostalismo

As implicações da Reforma Protestante para o Pentecostalismo

Valmir Nascimento Milomem Santos¹

INTRODUÇÃO

Neste ano de 2017 comemoram-se os quinhentos anos da Reforma Protestante, um dos eventos históricos mais importantes para o Cristianismo. Nestas épocas, é comum reacender a discussão a respeito de quem faz parte da tradição protestante dentre os grupos do segmento evangélico. É uma espécie de análise do divino direito hereditário ao movimento reformista do início do Século XVI, conduzido em regra por certo elitismo teológico que insiste em monopolizar um evento que combatia esse tipo de postura. Como participantes do pentecostalismo, devemos analisar a relação entre Reforma Protestante e Pentecostalismo, para analisar as implicações, proximidades e distanciamentos entre um e outro.

I – COMPREENDENDO A REFORMA PROTESTANTE

1. Importância. A Reforma Protestante é, inegavelmente, um dos eventos mais marcantes da história do Cristianismo. Enquanto o nascimento de Jesus assinalou a divisão do tempo antes e depois dEle, o movimento reformista do Século XVI cindiu não somente a cristandade medieval – em católicos e protestantes, mas também a história da religião cristã. Além das implicações teológicas e eclesiais, a Reforma promoveu notáveis repercussões sociais, políticas e econômicas. Nas palavras do historiador inglês Christopher Dawson, “as mudanças que se seguiram à Reforma não são apenas obras das Igrejas e dos teólogos; são também obras de estadistas e soldados”.

2. Heterogeneidade. O movimento reformador europeu deve ser considerado o resultado de uma série complexa e diversificada de micro-Reformas. Foi algo complexo e heterogêneo, que tratou de várias questões do seu tempo. Segundo Alister McGrath o termo “Reforma” é usado em vários sentidos, podendo se distinguir pelos menos quatro movimentos com características distintas: Reforma luterana (Martinho Lutero); Reforma calvinista (João Calvino); Reforma radical (anabatismo) e a Reforma católica (contra-reforma).

3. Propósito. Sob a perspectiva eclesial e espiritual, em que se situa o ponto central do período, a Reforma promoveu profundas transformações nas crenças cristãs. Em seu cerne estava o protesto contra a corrupção religiosa e a venda de indulgências pela igreja,

¹ O autor é graduado e pós-graduado em Direito, bacharel e mestre em Teologia pelas Faculdades EST/São Leopoldo. Professor da Feics/Cuiabá. Escritor. Comentarista de lições bíblicas jovens CPAD. Analista Judiciário do TRE/MT. Evangelista da Assembleia de Deus.

assim como a defesa de que cada cristão pudesse, por si só, ler e compreender as Escrituras. Ela combateu, entre outras coisas, a autoridade central e o monopólio clerical como fonte única e oficial de interpretação da Bíblia. Como aspecto essencial, o protestantismo assumiu sua posição de que os indivíduos tinham o direito de interpretar a Bíblia por si mesmos, em vez de serem forçados a se submeter às interpretações ‘oficiais’ transmitidas por papas ou outras autoridades religiosas centralizadas”. Em outras palavras, a Reforma inaugurou a *comunidade aberta dos interpretes das Escrituras*, ao descentralizar a sua interpretação e acabar com o “monopólio da sã doutrina”. Os cinco lemas a seguir sintetizam o ideal reformado: “*Sola Scriptura, Sola Fide, Sola Gratia, Solus Christus e Soli Deo Gloria*”.

II – CRISTIANISMO E REFORMA PROTESTANTE

1. Contra a idolatria da Reforma. Embora a Reforma tenha sua relevância para a história em geral e para o Cristianismo em particular, o movimento não pode ser idealizado como a síntese delimitadora da fé cristã. O Cristianismo, afinal, não foi inaugurado na Reforma Protestante, e sim na cruz! Em outras palavras, a Reforma Protestante deve ser estudada e valorizada historicamente, mas jamais idolatrada. A Reforma é uma das provas da ação de Deus na história, mas Deus não se limita aos próprios eventos históricos.

2. Contra o monopólio da Reforma. Em virtude de sua heterogeneidade e por causa de seus postulados, a Reforma não pode ser apropriada por um segmento cristão em particular. Apesar dos embates históricos entre luteranismo, calvinismo e arminianismo, escreveu McGrath, “todas as três permanecem opções relevantes para o protestantismo atual e a passagem do tempo não corroeu a credibilidade de nenhuma delas nem as tensões que geraram no movimento protestante mais amplo. Todas elas afirmam os temas centrais da Bíblia – embora de diferentes formas e com resultado diferentes”. Por esse motivo, o teólogo inglês sustenta que o protestantismo pertence à categoria abrangente do escritor C. S. Lewis de “cristianismo puro e simples”, no fato de que compartilha as crenças essenciais do cristianismo como um todo.

III – CONHECENDO O PENTECOSTALISMO

1. Origens. O movimento pentecostal decorre de uma interpretação teológica do evento descrito no capítulo dois do livro de Atos do Apóstolos, enfatizando a descida do Espírito Santo, a atualidade dos dons espirituais, o falar em línguas (glossolalia), a experiência sobrenatural e as curas, assim como a capacitação dos cristãos para o serviço e ministério. Historicamente², situa-se o surgimento do pentecostalismo em sua versão moderna a partir de 1900, em Topeka, Kansas, nos Estados Unidos, com os trabalhos de Charles

² Necessário destacar os antecedentes históricos do pentecostalismo: pietismo (Philip Jacob Spencer (1635-1705), Alemanha), metodismo (John Wesley (1703-1791), Inglaterra); movimento holiness (Estados Unidos, 1766).

Parham, especialmente em 1901 com a experiência do falar em línguas pela jovem Agnes Ozman, prosseguindo para Los Angeles (na famosa Azusa Street, 312), em 1906, com Willian Joseph Seymour e, finalmente, Chicago, em 1907, com Willian Durham, espalhando-se depois pelo mundo – inclusive para o Brasil em 1910. Não obstante, diversos autores têm demonstrando que as manifestações pentecostais no início do Século XX não se deram somente no continente americano.

2. Raízes teológicas. É consenso entre a maior parte dos teólogos situar tais raízes nos avivamentos do fim do século XVII e início do século XVIII na Europa e na América do Norte, especialmente o Movimento da Santidade e o metodismo de John Wesley. Embora alguns intérpretes identifiquem a conexão dos antecedentes pentecostais com o puritanismo e com o pietismo, Donald Dayton afirma, em *Raíces Teológicas del Pentecostalismo*, que estes movimentos são na verdade “linhas paralelas antes que fontes reais ou diretas, ainda que não se possa negar algum tipo de influência”. Referindo-se ao metodismo, Dayton diz ainda estar claro que podemos encontrar um elo histórico que demonstra ter vínculos reais e desenvolvimentos posteriores que culminam no pentecostalismo. Contrariando tal consenso, o teólogo pentecostal William Menzies enxerga na Tradição Reformada, e não no Avivamento Wesleyano, o principal influenciador do pentecostalismo. Porém, essa perspectiva é geralmente rejeitada.

3. A definição de um pentecostal. Em razão do seu crescimento, o pentecostalismo é um movimento multifacetado, falando-se hoje em “pentecostalismos”. Por esse motivo, é importante distinguir os vários tipos de pentecostalismos³ (pentecostal clássico, neopentecostal, carismático etc). Conforme William Menzies, *pentecostal (clássico)* é o cristão que crê que o livro de Atos fornece um modelo para a igreja contemporânea e, nesta base, incentiva todos os crentes a experimentar o batismo no Espírito (At 2.4), entendido como capacitação para a missão, distinto da regeneração, que é marcado por falar em línguas, e afirma que “sinais e maravilhas”, inclusive todos os dons mencionados em 1 Coríntios 12.8-10, devem caracterizar a vida da igreja hoje.

4. Evangelho pleno (quíntuplo). Outra maneira de interpretar a realidade por meio dos pressupostos pentecostais é utilizar as cinco afirmações doutrinárias: Jesus salva, santifica, batiza com o Espírito Santo, cura e em breve voltará para reinar. Este Evangelho quártuplo, como comumente é chamado, honra a centralidade de Cristo e fornece uma estrutura analítica importante para compreendermos o mundo e interpretarmos as ideologias contemporâneas, indo além da tríade Criação-Queda-Redenção, para destacar o sobrenatural, o batismo no Espírito Santo, as curas e o porvir.

IV – PENTECOSTALISMO E REFORMA PROTESTANTE

³ Bernardo Campos sugere as seguintes tipologias: pentecostalismo histórico, pentecostalismo clássico, pentecostalismo Unicitário, movimento carismático ou neopentecostalismo, pentecostalismo neoapostolólico-profético e as agências de cura divina ou “iso-pentecostalismo”.

1. Gene protestante. Considerando que o pentecostalismo emergiu historicamente da tradição de santidade norte-americana, inegavelmente o movimento descende do protestantismo, ainda que possua distintivos marcantes na ênfase doutrinal e nos padrões de adoração. Conforme Alister McGrath “O pentecostalismo deve ser entendido como parte do processo protestante de reflexão, reconsideração e regeneração. Ele não é consequência de uma “nova Reforma”, mas o resultado legítimo do programa contínuo que caracteriza e define o protestantismo desde o seu início. O pentecostalismo, como a maioria dos outros movimentos do protestantismo, fundamenta-se no que aconteceu antes. Seu igualitarismo espiritual é claramente a redescoberta e reafirmação da doutrina protestante clássica do “sacerdócio de todos os crentes”. Sua ênfase na importância da experiência e na necessidade de transformação remonta ao pietismo anterior, em especial, como desenvolvimento na tradição da santidade”.

2. Renovação protestante. O pentecostalismo, todavia, não se contentou em seguir a agenda protestante. Mais que isso, promoveu verdadeira renovação dentro do protestantismo. O pentecostalismo cada vez mais, passa, ele mesmo, a definir e a determinar essa mesma corrente principal”. Os pentecostais trouxeram energia para o evangelismo e missões mundiais e, segundo Rick Nañes, “sua influência tem ajudado a preencher o vazio espiritual frequente de centenas de milhares, trazendo esperança e provendo um escape pelo qual se torna fácil ter uma experiência direta com Deus”. E mais: “Sem sombra de dúvida, o movimento pentecostal-carismático está cumprindo papel decisivo no resgate de multidões das águas congeladas da religião convencional, muitas vezes morta”.

3. Reforma 2.0. O pentecostalismo, portanto, longe de contrariar o protestantismo, deu-lhe vigor e dinamismo, por meio do seu programa evangelístico e missionário, aliado à ênfase no Espírito Santo para exaltar e testemunhar o senhorio de Cristo. Mas não somente isso, a herança teológica pentecostal é distintamente relevante para reacender o ideal protestante do *sacerdócio universal*, na medida em que realça o valor da experiência e a convicção de que as narrativas de Atos-Lucas possuem valor normativo para a igreja cristã.

IV – DISTINTIVOS PENTECOSTAIS PARA A IGREJA PROTESTANTE

1. Ministério profético de todos os crentes. Enquanto a Reforma enfatizou o sacerdócio universal, o pentecostalismo destaca o *ofício profético de todos os crentes*. Segundo Roger Stronstad, na narrativa de Lucas Jesus foi ungido como profeta escatológico (Lc 24); os seguidores/discípulos são essa comunidade profética, capacitada para testemunhar no poder do Espírito (At 1.5,8; 2.4). Essa comunidade de profetas é extensiva, conforme vaticinou o profeta Joel (2.28).

2. Ênfase na experiência. Emergindo no período da modernidade, em que a razão se tornou o rei, a Reforma desenvolveu uma hermenêutica essencialmente racional, minimizando a importância da experiência. Segundo Bradley Noel, o pentecostalismo nasce como reação a essa característica, para rejeitar a exaltação da razão e realçar o papel da experiência na vida

cristã. O pentecostalismo procura acabar com a *ortodoxia fria* para acender as chamas de uma viva fé. Tal experiência, é claro, só será legítima se encontrar ressonância nas Escrituras. Assim, o pentecostalismo não é só um ato noético (relativo ao intelecto) e explicativo, é também prático. Em outras palavras, diz Bernardo Campos: “Não é uma mera questão intelectual, e sim um ato vivencial, experiencial, existencial e prático, teológico e espiritual”. A espiritualidade pentecostal leva ao viver, mover e existir em Deus (At. 17.28).

3. Hermenêutica pentecostal. Em decorrência do aspecto anterior, o pentecostalismo desenvolveu uma forma própria de interpretar o Texto Sagrado. Kenneth Archer, em sua obra *Hermenêutica pentecostal: Espírito, Escritura e comunidade* dividiu a hermenêutica pentecostal em três estágios: *Período pré-crítico* (1900-1940) – consistente na leitura da Bíblia de maneira simples, pré-crítica, de senso comum; *Período moderno* (1940-1980) – entrada no universo acadêmico, os pentecostais primam pela qualidade interpretativa, valendo-se do método histórico-crítico ou histórico-gramatical. O foco é o texto; *Período contemporâneo* (1908-até o presente) – os pentecostais descobrem que a experiência é muito grande para caber dentro do método, passando a desenvolver uma hermenêutica própria. Roger Stronstand demonstrou que Lucas foi um teólogo que escreveu a história e por isso seu material tem fins didáticos e não apenas narrativos ou descritivos. Lucas é, portanto, um teólogo, que não deve ser lido pela ótica paulina.

Bernardo Campos também afirma que uma *Hermenêutica do Espírito*: 1) atualiza a mensagem das Escrituras (Lc 4.16-18); 2) Interpretamos acontecimentos a luz das profecias bíblicas (At 2.14-42); 3) Falamos a sabedoria revelada (1Co 2); 4) Discernimos entre a verdade de Cristo e a mentira do mundo; 5) Encontramos o Messias e nos livramos do espírito do anticristo (1 Jo 2.18-29).

4. Abertura para o agir de Deus, hoje. Embora a crença na cessação dos dons não tenha sido dominante, ela cresceu em grande parte das igrejas protestantes. Enquanto isso, na visão de James Smith, a cosmovisão pentecostal assume uma posição de radical abertura para Deus e, em particular, Deus fazendo algo diferente ou novo, uma abertura para as operações contínuas (e às vezes surpreendentes) do Espírito na igreja e no mundo, particularmente o ministério continuado do Espírito, incluindo a revelação contínua, a profecia e a centralidade dos dons carismáticos na comunidade eclesial; inclui ainda uma teologia "encantada" da criação e da cultura que percebe a criação material como "carregada" com a presença do Espírito, mas também com outros espíritos (incluindo demônios e "principados e poderes"), com expectativas envolvidas tanto com os milagres como com a guerra espiritual.

5. Uma orientação escatológica à missão e à justiça. Enquanto comunidade escatológica, a igreja profetiza e testemunha contra as injustiças, imparcialidades e opressões.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, B. *El Principio Pentecostalidad: La unidad em El Espíritu, Fundamento de la paz*. Lima: Kerigma Publicações.

DAYTON, D. W. *Raíces teológicas del pentecostalismo*. Grand Rapids, Michigan: Libros Desafío.

DAWSON, C. *A divisão da cristandade: Da Reforma Protestante à Era do Iluminismo*: São Paulo: É Realizações, 2010.

MCGRATH, Alister. *Origens intelectuais da reforma*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

_____. *Revolução protestante*. Brasília: Editora Palavra, 2012.

MENZIES, R. *Pentecostes: Essa História é a nossa História*. e-book Kindle. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

NAÑES, Rick. *Pentecostal de coração e mente: um chamado ao dom divino do intelecto*; tradução Ana Schaeffer. São Paulo, Vida. 2007.

NOEL, Bradley. *Pentecostal and Postmodern Hermeneutics: Comparisons and Contemporary Impact* (English Edition) eBook Kindle. Eugene, Oregon: WIPF & STOCK, 2010.